

“Todos os homens, numa altura ou noutra, apaixonaram-se pela Isis velada a que chamam Verdade”
“Se confiarmos nos relatos dos místicos (...) eles sucederam onde os outros falharam, em estabelecer comunicação imediata entre o espírito do homem, enredado entre coisas materiais, e aquela “realidade única”, o Ser final e imaterial que alguns filósofos chamam Absoluto e a maior parte dos teólogos, de Deus”

Evelyn Underhill, Mysticism

O que é um anjo? O que é um demónio? O que é Deus? Fazem estes parte da realidade tangível? Não é questão de olharmos o formato das nuvens (ou será? Não julga o místico ver a verdade divina em tudo?), nem de observarmos a semelhança daqueles em tudo a partir de um mero jogo de aparências. Para alguns, anjos e demónio existem, não são aparências. Primeiro porque há nomenclatura: de certo modo chamar as coisas pelos nomes é trazê-las à nossa presença, apresentá-las. A intensidade com que chamamos uma coisa pode decretar o seu grau – maior ou menor – de realidade. Nomeamos as coisas para trazê-las até nós. Por um lado. Por outro chamamos as coisas pelos nomes já não para que elas cheguem até nós mas porque elas estão aí. Agora não as chamamos já, antes as indicamos, apontamo-las e confessamo-nos seus recetores. Agora são elas que se nos impõem, ao mostrarem-se de modo implacável, isto é, abusando de nós, penetrando-nos o íntimo (quase que à força).

Há, portanto, uma dimensão de força das coisas, dos objetos, das formas e das ideias. Poderíamos resumir isto em linguagem filosófica e não sem uma certa ontologia: há uma dimensão em que os entes e o Ser se nos impõem como se quisessem invadir-nos com a sua presença. Esta dimensão da presença das coisas, dos entes e do Ser, todos a vivemos. Mas há um abismo entre a vivência inconsciente desta dimensão e a sua consciência factual. Certos artistas, poetas, místicos, possuem a consciência dessa consciência, ou seja, estão despertos, acordados para um mundo que habitam (com um misto de dor e alegria) e que o homem quotidiano chama de Sobrenatural. O mundo sobrenatural é aquele mundo em que os seres, o Ser, as coisas vêm até nós sem que os convoquemos. O seu nome é-nos imposto, invade-nos.

Certos homens (artistas, poetas, místicos) são como que escolhidos, dominados, possuídos: funcionam como recetores dos nomes dos seres sobrenaturais e atravessam facilmente o abismo que separa os dois mundos. Sem sombra de dúvida que Leonardo Rito é um destes homens. Leonardo Rito faz a ponte (e a mediação) entre a realidade quotidiana e a realidade sobrenatural: as suas pinturas são povoadas de anjos, de demónios, de figuras bíblicas, personagens estranhas, apocalípticas (à maneira do livro bíblico da Revelação escrito por João no seu exílio na ilha de Patmos). Este universo retrata Deus e Deus é retratado pela sua criação. A Sua presença existe, não apenas em cada uma das pinturas, mas no todo da obra. O modelo de representação do divino assemelha-se à teologia mística do Pseudo-Dionísio, esse santo bizantino do Séc. V: descrever Deus pela sua criação e não pela sua figura. Ou seja, em Pseudo-Dionísio, Deus é descrito negativamente, a partir daquilo que Ele não é. Deus não é anjo nem demónio, não é pedra nem flor, mas tudo isso e mais pois é criador. O corpo de Deus (a sua figura) é o corpo total da sua criação. Se dizemos que Deus não é uma coisa nem outra, inconscientemente pomos algo no lugar do seu Ser, construímos uma positividade como que ao lado e assim formamos uma ideia íntima de Deus. Construímos uma ponte que atravessa os dois mundos: o quotidiano e o sobrenatural.

A obra de Leonardo Rito assemelha-se a esta descrição íntima de Deus através da representação indireta, através daquilo que Deus não é: Deus não é o pecado original, nem é o Mal que ele representa em episódios de forte carga emotiva. Deus é o contrário de tudo isto mas é, Ele próprio, sem figura, sem representação. Deus não se representa mas Ele próprio apresenta-se em tudo o que é. Daí que seja impossível para nós representá-lo. A Sua figura só se apresenta através de um processo contínuo (e obsessivo) de figuração. E neste processo criador de contínua figuração, observamos a vontade (ou a ambição) de tocar Deus. Na obra de Leonardo Rito pressentimos esse lugar divino que Deus ocupa sem se revelar, antes manifestado nas figuras da Criação, que se somam continuamente como Todo sem fim. É neste sentido que a obra de Leonardo Rito se observa herdeira de pintores

medievalistas como o sejam Giotto ou Fra Angelico. Podemos repetir aqui o que Argan disse algures a propósito de Fra Angelico: “A imagem que ele dá de Deus e dos santos é semelhante à do homem, é aquela que pode inserir-se no campo da experiência visual”.

E que diz er dessas outras z onas não figurativas (pelo menos pelos nossos cânones modernos) que rodeiam os personagens, zonas indeterminadas de céu e terra, tratadas com a mesma técnica, com pequenas manchas ou pontos que se repetem até à exaustão? Essas manchas servem de elemento unificador entre seres que povoam a paisagem do quadro e existem como que em trânsito, unindo-os não só no mesmo espaço mas na mesma dimensão etérea. Fazem com que as imagens representadas se diluam todas num mesmo espaço. Serão então representações de luz? Tudo leva a crê-lo, se observarmos como para os medievais (dos quais Giotto e Angelico são herdeiros) a luz é, de facto, o elemento unificador das coisas, algo que não tem medida, não existindo em quantidade mas em qualidade. De facto, para a tradição medieval a luz não pode medir-se ou propagar-se, sendo que é “todo o ar que sob a ação do iluminante, se torna outro” (Sertillanges, Saint Thomas d’Aquin). Outro ar, outra dimensão, a do sagrado, a do divino. E a luz, elemento especial dessa dimensão, serve para que o olhar deambule, exercendo-se como que em movimento perpétuo e de exegese, isto é, de interpretação e desvendamento. Serve a açã atuante do olhar.

A pintura de Leonardo Rito é assim uma pintura que, como diz Didi-Huberman ainda a propósito de Angelico, “...produz o teológico na medida em que o seu lugar produz a figura”. É todo o lugar que nos transporta para a figura de Deus, ela própria indefinida, para além da forte carga simbólica (e dramática) dos ícones. E é a dimensão da luz, a luminosidade, que nos ajuda ao transporte e ao arrebatamento e nos eleva ao sobrenatural.

João do Vale

Artista Plástico e Doutorado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto